



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÚCIA MARIA NERY ROSITO**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-129

**Entrevistado:** Lúcia Maria Nery Rosito

**Nascimento:** 26/06/1951

**Local da entrevista:** CEME - ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Data da entrevista:** 05/05/2010

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 35 minutos

**Páginas Digitadas:** 13

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02136/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ROSITO, Lúcia Maria Nery. Lúcia Rosito (*depoimento, 2010*). Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a ESEF: estruturas físicas presentes na Escola, direção da ESEF e do Centro Olímpico; trabalho junto à PRUNI; Centro Olímpico; instalações do Centro Natatório: programas, professores; secretaria de extensão; transformação dos projetos em projetos de extensão; envolvimento enquanto aluna da extensão da ESEF; fatos pitorescos; relação com os funcionários.

Porto Alegre, 06 de maio de 2010. Entrevista com Lúcia Rosito, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Lúcia, eu começo te perguntando como iniciou o teu envolvimento com a Escola<sup>1</sup>?

L.R. – Eu já conhecia a Cristiane<sup>2</sup> e a Lizette<sup>3</sup> que eram funcionárias do Centro Olímpico<sup>4</sup> naquela época. Isso lá em 1980 e poucos. Conhecia as gurias daqui. Eu trabalhava na PRUNI<sup>5</sup> e, antigamente, o Centro Olímpico pertencia a PRUNI. Já tinha vindo algumas vezes aqui conversar com elas porque a gente também se conhecia fora da UFRGS<sup>6</sup>. E, em 1989, 1990, eu saí da PRUNI e eu disse: “E agora, para que lado eu vou?”. Estava a disposição no antigo departamento pessoal da universidade e eu pensei: “Se eu ficar aqui esperando o que eles vão achar, essas coisas não funcionam” e não é o meu temperamento. Eu sou mais agitada. Aí vim conversar com a Lizette: “Lizette, como é que estão aqui de pessoal, não estão precisando de gente aqui?”, ela chegou e disse: “Olha, sabe que de gente sempre se precisa”. E, casualmente, quem estava respondendo pela direção era o professor “peixinho”<sup>7</sup> porque – eu não me lembro se era o “carioca”<sup>8</sup> ou o De Rose<sup>9</sup> na época – eles estavam viajando e o “peixinho”, como era o professor mais velho da Escola, estava respondendo pela direção. E ela falou com o professor “peixinho” que falou com a secretária na época e eles me chamaram para conversar. Aí a Marlis<sup>10</sup> que, era secretária, disse assim: “Olha, o professor Kruehl<sup>11</sup> está montando a secretaria de extensão, porque a extensão está crescendo muito e ele quer uma pessoa. Tu topas?”, eu disse: “Eu topo”.

M.C. – Isso em 1990?

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Cristiane Dias de Castro Miguens

<sup>3</sup> Lizette Dias de Castro Miguens

<sup>4</sup> Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

<sup>5</sup> Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>7</sup> Jayme Werner dos Reis

<sup>8</sup> Paulo Gilberto de Oliveira, “carioca”.

<sup>9</sup> Eduardo Henrique De Rose

<sup>10</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>11</sup> Luiz Fernando Martins Kruehl

L.R. – 1990, é. Final de 1990... Pois agora eu não me lembro se eu vim para cá na metade de 1990 ou 1991. Eu acho que 1990. Agora não me lembro se era 1990 ou 1991. Então, eu acertei tudo na Reitoria, vim para cá e comecei a trabalhar na secretaria de extensão com o Krueel que era o coordenador da secretaria na época, lá no prédio da piscina. Ele estava montando a secretaria lá.

M.C. – A extensão era lá no Centro Natatório?

L.R. – É. Sabe onde é o CELARI<sup>12</sup>, naquela salinha ali no fundo? Era ali que eu comecei. Mas ligada à ESEF, trabalhando no prédio da piscina e foi aí que eu comecei a minha história aqui na ESEF. Aí eu fiquei até 2000 na extensão e depois passei para a COMGRAD<sup>13</sup> até me aposentar em 2006.

M.C. – Tu te lembra das estruturas físicas que tinham na ESEF quando tu entraste? O que tinha de construção...

L.R. – De construção, os prédios eram os mesmos, mas completamente diferente. Por exemplo, a secretaria da Escola era ali onde hoje é o saguão, onde tem o caixa do banco. Tu entrava ali, ficava a cabine da telefonista que era um tipo de um aquário, eram os telefones de fiozinho ainda. Naquela época, não tinha ramal direto. Tanto é que para se comunicar daqui de baixo lá com a piscina era com aqueles ramais internos, aqueles telefonezinhos. E, se a gente quisesse falar com a Reitoria, tinha que ser via telefonista. Era um sarro, era muito gozado. Tu vê, em 1999, 2000 isso. O departamento era onde hoje é a COMGRAD só que com a porta virada aqui para fora. Na metade dali ficava a secretaria e depois para a esquerda ficava a sala do diretor. Lá onde é o LIEF<sup>14</sup> hoje, era o vestiário, banheiro e nossa sala de convivência que tinha um fogão à lenha que o pessoal trouxe. Era bem diferente. Agora aqui para baixo também tinha um vestiário, onde é a direção e a subprefeitura hoje. Acho que ali era o vestiário masculino e lá o feminino.

M.C. – Quem era o diretor da Escola na época?

---

<sup>12</sup> Centro de Lazer e Recreação do Idoso

<sup>13</sup> Comissão de Graduação

L.R. – Quando eu vim para cá, era o “carioca” e o De Rose.

M.C. – E o diretor do Centro Olímpico?

L.R. – O “peixinho”.

M.C. – E o ginásio II das lutas estava pronto?

L.R. – Não. O ginásio ficou pronto quando eu já era pertencente aos “móveis e utensílios” aqui. Não tinha ginásio, nem biblioteca nova. Eu trabalhei na biblioteca velha que era lá mesmo no fundo do prédio só que mais para cá, era menor. Não tinha a extensão da biblioteca nova. Hoje tu entra pelo corredor lá pela direita, antigamente tu entrava pelo corredor da esquerda, lá no fundo tinha o portão de grade que dava para a biblioteca. Não tinha aumentado a biblioteca ainda.

M.C. – Então, antes tu trabalhava na PRUNI, não é?

L.R. – Eu comecei na universidade trabalhando na PRUNI no departamento de serviço social ali no prédio da ex Química, da esquina em 1984. Minha formação é em serviço social. Eu sou assistente social e trabalhava com a análise sócio-econômica dos ditos benefícios que a universidade tinha que na época era a casa do estudante, a isenção do R.U.<sup>15</sup> e as bolsas trabalho que são esses estágios remunerados.

M.C. – Nessa época que tu entraste na PRUNI em 1984, tu te lembra quem era o diretor do Centro Olímpico?

L.R. – O “peixinho”. Tenho quase certeza que era o “peixinho”. Quando eu comecei a ouvir falar em Centro Olímpico era sempre o professor “peixinho” que ficou um tempão lá.

M.C. – Tu sabe qual era o objetivo e as atividades que realizava o Centro Olímpico?

---

<sup>14</sup> Laboratório de Informática

<sup>15</sup> Restaurante Universitário

L.R. – Não. Até eu vir para cá, mesmo sabendo que era da PRUNI, era muito distante porque eles ficavam diretamente ligado ao Pró-Reitor e a gente ficava ali, fisicamente, geograficamente, distante porque a gente ficava no prédio da ex-química, o gabinete do Pró-Reitor lá na Reitoria e o Centro Olímpico aqui. Depois que eu vim para cá que eu fiquei sabendo... Até uma vez eu fazia parte do Conselho da Unidade como representante dos técnicos e tentou-se fazer um resgate do papel do Centro Olímpico que estava uma confusão enorme. Todo mundo achava que o Centro Olímpico era o prédio da piscina. Nada a ver. Centro Natatório é um prédio e o Centro Olímpico era um órgão na época auxiliar ligado à PRUNI e que depois passou a ser um órgão da ESEF sem dotação orçamentária. Quando ele era da PRUNI, tinha dotação orçamentária, dinheiro próprio, era o primo rico que ficava aqui. Aí que eu fiquei sabendo que o papel do Centro Olímpico era organizar os jogos universitários, os esportes, as coisas da universidade com os universitários e não natação, só natação. Quando eu vim para cá, todo mundo confundia, achava que o Centro Olímpico eram os projetos de natação.

M.C. – Ainda em 1990?

L.R. – Sim. E eu vou te dizer que acho que era uma confusão dos próprios funcionários. Para eles o Centro Olímpico era aquilo lá, o prédio. Os funcionários do Centro Olímpico tinham folha de pagamento separada e tudo e mesmo depois que passou a ser órgão da ESEF. Era uma coisa muito distante e não eram nem bem vistos pelos funcionários da ESEF, vamos dizer assim. “Ah, o povo lá de cima”. Era uma coisa muito gozada mesmo.

M.C. – O Centro Olímpico tinha funcionários próprios assim como a Escola?

L.R. – Sim. A ESEF, na época, e a gente sabia lá na secretaria, existiam duas folhas. Meu contracheque nunca ia lá para cima porque ele vinha com o pessoal da ESEF. Então, eu tinha que estar vindo buscar aqui em baixo na secretaria. Eram folhas separadas. Os funcionários do Centro Olímpico e os funcionários da ESEF. Todo mundo trabalhando aqui neste mesmo campus.

M.C. – Nesse período que tu entrou em 1990, tu te lembra o que era utilizado das instalações do Centro Natatório?

L.R. – Ali onde é o CELARI hoje, era a secretaria de extensão e do lado era a secretaria do Centro Olímpico. Depois, indo para o vestiário masculino na primeira porta a esquerda onde o CELARI usa para ginástica e dança, ali era a sala de judô. A graduação tinha aula de judô lá. A graduação tinha aula de natação, de judô e de esgrima. A esgrima era naquela sala do meio, entre as piscinas. Pois agora eu vi os floretes, as máscaras e me lembrei do professor Andreatta<sup>16</sup> que cuidava daquilo. Nessa sala também tinha aula da graduação de karatê. A graduação usava direto o prédio também. E a sala do diretor do Centro Olímpico era lá atrás. Quando eu comecei, a entrada do prédio era lá atrás. Então, tu entrava por aquela porta lá de trás, para um lado tinha a sala do diretor e para o outro lado tinha a sala dos dois professores que eram os técnicos que trabalhavam lá: o Beto<sup>17</sup> e a Lizette. O Beto está lá até hoje. Depois a sala do diretor passou para o João Luiz<sup>18</sup> que fazia avaliação física. Ele era um técnico e professor de educação física. Todo mundo tinha que fazer avaliação física antes de começar a nadar. E a parte da porta onde hoje é a sala do Beto, era a sala do médico. Naquela época era obrigatório o exame médico para as piscinas. E depois o diretor passou lá para a secretaria, na mesma sala. Era tudo junto. Uma mesinha lá no fundo dele e os funcionários.

M.C. – Nesse período o Centro Olímpico ainda era vinculado à Reitoria ou já tinha passado para a Escola?

L.R. – Já era órgão auxiliar da ESEF.

M.C. – Então, já houve uma aproximação maior da ESEF com o Centro Natatório?

L.R. – Mas eu acho, pelo que eu me lembro quando eu vim para cá, a Escola sempre utilizou o prédio. Sempre. Eu acho que teve uma mistura muito grande – minha visão -. Como o professor “peixinho” era o diretor do Centro Olímpico a convite da PRUNI por ser cargo de confiança, e era professor de natação aqui, foi ele quem conseguiu terminar o “tancão” e montar o prédio lá. Então, ele era o dono, o xerifão do prédio. Tanto é que, depois que ele saiu [riso], o prédio degradingolou muito. Mas ele era o perfeito xerife em termos de manutenção. Era a menina dos olhos dele. E também era diretor do Centro

---

<sup>16</sup> Luiz Cláudio Guterres Andreatta

<sup>17</sup> Alberto Ramos Bischoff



Olímpico. Eu acho que por aí as coisas começaram a se misturar, na minha concepção quando eu cheguei e comecei a vivenciar isso, senti isso. Era uma coisa só, porque ele era diretor, professor de natação da Escola, era muita confusão. A coisa ficou muito misturada. Depois nesses depoimentos que vieram várias pessoas antigas em reuniões do Conselho da Unidade prestar depoimento para tentar resgatar o papel exatamente do Centro Olímpico é que ficou mais claro para mim que essa coisa ficou misturada em função disso. Mas sempre, que eu saiba, a graduação de educação física sempre usou aquele prédio.

M.C. – Independente da natação?

L.R. – Sim.

M.C. – E aquelas normas de utilização do prédio: lavar os pés antes, tomar banho com sabonete. Tudo isso foi o “peixinho” que implantou?

L.R. – Não sei quem implantou, mas, quando eu comecei e o “peixinho” era o diretor, ele fazia cumprir e, funcionava. Existia, naquela época, um fiscal lá em cima, naquela mesinha onde vocês guardam as coisas de vocês para a aula, ali em frente à piscina grande, ali ficava o fiscal que tocava a campainha no início e no fim da aula, recebia a carteirinha das pessoas para conferir exame médico e pagamento e “não está com ducha? Não está de chinelo? Não tem touca? Volta”. O papel do fiscal era esse e realmente a coisa... Por isso que eu te digo, enquanto o “peixinho” foi diretor lá, a coisa era num rigor a toda prova. Também existia mais funcionários. Depois o pessoal foi se aposentando e não tinha reposição. Aí fica tudo mais difícil, tem que começar a terceirizar e vão tirar dinheiro de onde?

M.C. – Tu comentaste da secretaria de extensão do professor Krueel. Tu tens idéia de quando começou esta extensão como é vista hoje?

L.R. – Quando eu comecei aqui já existia os programas dos Krueel, eu acho que eram quatro: natação equipada, “jogging”, hidroginástica e natação para crianças asmáticas.

---

<sup>18</sup> João Luiz Gomes

Tinha o programa de judô do Alexandre<sup>19</sup>, bem forte, bem freqüentado. E tinha educação física continuada que era um programa para atualização dos professores de educação física da rede de ensino. Era bem forte também. Tinham vários cursos que, praticamente, funcionavam durante todo o ano, quase todos os finais de semana, em todas as áreas: judô, atletismo, pedagogia, etc. Então, em função deste crescimento, que o Kruel achou que precisava de uma secretaria porque ele tinha que organizar. Naquela época, se datilografava projeto de extensão. Não é essa barbadinha de hoje que tu puxa no computador. Tinha que se xerocar o formulário, datilografar em duas, três vias, montar, abrir processo na Reitoria via protocolo, etc.

M.C. – Isso o “carioca” como diretor da Escola e o “peixinho” como diretor do Centro Olímpico, no começo desta extensão que tu disse?

L.R. – Sim.

M.C. – Teve um período em que o professor “peixinho” foi para a Alemanha...

L.R. – Sim. Foi aí que os projetos de natação do Centro Olímpico viraram todos em extensão.

M.C. – E quem ficou no lugar dele?

L.R. – A professora Helena<sup>20</sup> ficou de diretora do Centro Olímpico e transformou todos os projetos...

M.C. – Que já existiam lá?

L.R. – Sim. Os projetos do Centro Olímpico são antigússimos.

M.C. – Mas era só para a comunidade universitária ou era aberto para a comunidade?

---

<sup>19</sup> Alexandre Velly Nunes

<sup>20</sup> Helena Alves D’Azevedo

L.R. – Não. Eu acho que ele sempre foi aberto para a comunidade. Se tu fala aí, tem gente super antiga daquela época que nadava lá.

M.C. – Na verdade, então, foi transformada nessa extensão que nós conhecemos hoje?

L.R. – Sim. Nos moldes de extensão foi transformados, eu não me lembro em que ano foi, mas foi quando o “peixinho” foi para a Alemanha, a Helena assumiu e ela passou, então, todos os projetos para a modalidade de extensão. Então, eles passaram a ser projetos de extensão da Escola de Educação Física e não mais projetos do Centro Olímpico, entendeu? De conotação bem diferente.

M.C. – Então, foi a Helena que transformou esses projetos na extensão como vemos hoje e o professor Kruel era o coordenador da secretaria de extensão, não é?

L.R. – Sim. O Kruel ficou dois mandatos, eu acho, e depois ele saiu para fazer doutorado e quem assumiu foi o Andreatta. Depois o Andreatta saiu quando se aposentou, aí ficou uma confusão, eles queriam acabar... Eu sei que eu tirei férias e quando voltei não tinha mais sala, não era mais da secretaria de extensão. Eles pegaram a minha mesa e botaram onde era a secretaria do Centro Olímpico e aquilo ali acabou sendo tudo...

M.C. – Unificaram?

L.R. – É. Simplesmente acabaram com a secretaria de extensão, todo mundo fazia tudo ali. Eu acho que era o Stigger<sup>21</sup> o diretor do Centro Olímpico nesta época e o Ricardo<sup>22</sup> era diretor da Escola.

M.C. – Tu te recordas do retorno do “peixinho” para a Escola depois da Alemanha, quem estava na direção ainda?

L.R. – Quando ele voltou, era a Helena ainda e o De Rose na direção da Escola.

---

<sup>21</sup> Marco Paulo Stigger

<sup>22</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen

M.C. – Quando o “peixinho” volta, ele não assume mais?

L.R. – É. Eu vou te dizer que era o De Rose de diretor e o vice era o Alexandre. Foi quando a Helena assumiu lá. Quando o “peixinho” voltou, não tinha mais Centro Olímpico, ele já não era mais nada. E eu acho que ele não assumiu nunca mais. Ele terminou dando as aulas dele e se aposentou.

M.C. – Atualmente tu és uma das alunas desta extensão que foi formada...

L.R. – Claro, voltei a ser aluna.

M.C. – E o que tu acha, o que representa esta extensão, qual o significado para ti?

L.R. – Eu sempre achei que a extensão aqui da ESEF cumpria bem o papel dela porque ela atende a comunidade externa à universidade. Eu sempre tive muito orgulho de trabalhar com a extensão e de falar dos projetos que tinham aqui na ESEF porque eu achava que era um dos papéis da universidade dar este tipo de atendimento para as pessoas fora do âmbito da universidade. Hoje como aluna, acho bárbaro, me sinto o máximo, adoro [riso].

M.C. – E tu vê a contribuição da extensão para o que a Escola é hoje, em termos de estrutura física, espaço? Em termos de arrecadação?

L.R. – Eu acho que só em termos de arrecadação porque a Escola hoje vive da arrecadação da extensão. Por sinal, segunda-feira eu cheguei e o Krueel estava ali em baixo ficamos conversando e “Krueel, quatro e cinco, vou me atrasar para a minha aula”. Cheguei lá em cima não tinha colete para mim e as turmas não estavam lotadas. Aí quando eu desci o Gilson<sup>23</sup> disse: “Não, eles não compram mais, aqueles lá estão tudo...”. A sala do Gilson tem uma *pilha* de coletes que estão inutilizados. Aí o Krueel estava no telefone e eu “vou reclamar para o coordenador, não é? O que é isso?” e o Krueel disse “é, a coisa está meio difícil”. Fiquei sabendo que nem bolsista estão pagando. Então, não sei agora. Mas as pessoas continuam pagando lá, a arrecadação está lá e crescendo.

M.C. – Tu vês uma diferenciação em termos de preservação do Centro Natatório da época que o “peixinho” assumia para os dias atuais?

L.R. – Toda a vida. Agora, no ano passado, retrasado, eles andaram dando uma geral nos chuveiros. Depois que passou para gás, a coisa deu uma melhorada legal. Agora, tem porta, no vestiário feminino que eu uso tomada de cupins, tem torneira frouxa. Quer dizer, tu vê que não tem manutenção. E, quando caiu, quebrou, vão ter que parar? Daí os caras vão lá e fazem. Isso, na época do “peixinho”, não existia. Tu até pode dizer: “Mas na época do “peixinho” ele tinha dinheiro” porque todo o dinheiro que ele arrecadava dos projetos do Centro Olímpico, ele aplicava dentro do prédio do Centro Natatório. Tanto que, quando eu comecei a trabalhar na extensão, eu ria porque a máquina de escrever da secretaria do Centro Olímpico era elétrica. O Krueel conseguiu uma coisa “caquética” de computador, com os “disquetão” assim. Coisas bem “caquéticas”. Coisas para o Centro de Memória<sup>24</sup> [riso]. A máquina era manual que a gente tinha na secretaria de extensão e ria “os primos rico ali do lado”. Como hoje falam do pós que o pós é o primo rico da ESEF. Eles tem dinheiro e conseguem os melhores equipamentos e o resto fica chupando o dedo. É tudo muito difícil. Mas essas são as discrepâncias do serviço público. Realmente, ele tinha dinheiro e aplicava todo lá. Aquele problema nos encanamentos ali em baixo quando teve uma época – eu ainda estava trabalhando – que não achavam e veio uma substância de São Paulo para largar nos canos para não ter que demolir todo o piso para ver onde estava o problema. Esse ano começou já, houve problema de vazamento na piscina. Isso para mim é falta e manutenção. Não existe manutenção normal.

M.C. – Por que tu acha que não existe isso?

L.R. – Por pura e simples falta de dinheiro. Hoje o dinheiro que arrecada com a extensão, não vai... Tu vê professor de extensão dizendo que não tem material, que pede um material mais novo, diferente, para fazer uma coisa diferente no seu projeto. Porque não tem. Hoje é tudo um bolo só. Quando eu comecei a extensão, a ESEF não via o dinheiro da extensão e se arrecadava e não tinha esse problema. Porque era tudo pago com umas guias que caía

---

<sup>23</sup> Funcionário atual do Centro Natatório

<sup>24</sup> Centro de Memória do Esporte (CEME)

tudo direto na Pró-Reitoria de Extensão. Era muito chato porque tinha que estar fazendo licitação, mas se compravam as coisas.

M.C. – A arrecadação ia para a Pró-Reitoria e depois retornava?

L.R. – Sim. Era tudo arrecadado numa conta da PROREXT<sup>25</sup>. Mas assim: tu é o coordenador do projeto e tu precisa comprar um equipamento “x” lá para o teu projeto. Tu faz a licitação, manda as notas fiscais, compra e eles vão lá, fazem o empenho e pagam e desconto da tua arrecadação. Tem o setor de contabilidade até hoje lá. Não sei o que faz, mas, naquela época, o pessoal anotava, sabia direitinho o que o projeto do professor Marco tem lá e está arrecadando mês a mês. Tinha discriminação das guias. Então, a coisa ainda funcionava. No momento que fizeram o tal do “fundão” único, caixa única para a ESEF, esse dinheiro se diluiu e começaram cada vez mais as dificuldades. Hoje, tudo se paga aqui na ESEF.

M.C. – Então, só para uma questão de ordem Lúcia. Quando tu assumiste lá na secretaria de extensão, tinham uns quatro projetos do professor Kruehl de natação...

L.R. – Tinha certo de judô...

M.C. – Esse de judô era onde?

L.R. – Era lá mesmo, na salinha de judô. Tudo de judô e karatê era lá. Esgrima era lá.

M.C. – Isso como extensão ou graduação?

L.R. – Não. A esgrima, eu vou te dizer, que teve um ou dois anos. Não. Acho que o Andreatta chegou a oferecer mais tempo extensão de esgrima. Mas não foi muito assim, depois ele acabou, não tinha mais tanta procura. Mas chegou a ter programa de extensão de esgrima também que atendia a gurizada. O judô também atendia a gurizada. A Beth<sup>26</sup> fazia para o tênis também.

---

<sup>25</sup> Pró-Reitoria de Extensão

<sup>26</sup> Elizabeth Teresinha D’andrea de Oliveira

M.C. – Não tinha nada na pista de atletismo?

L.R. – Não. Na área do atletismo, o Moraes<sup>27</sup> nunca ofereceu projeto de atletismo, pelo menos no meu tempo aqui de ESEF. Eu acho que eram esses. Não me lembro se o Oliva<sup>28</sup> já oferecia ginástica olímpica, porque era aqui na ESEF a sala.

M.C. – E um fato pitoresco que tu te lembra na época, algum fato engraçado com professores, funcionários?

L.R. – Nós tínhamos um colega lá no Centro Olímpico que já é falecido e falava tudo atravessado. Era um sarro. Ele pertencia aos móveis e utensílios. Ele morava numa casinha que tinha onde era o bar. Ele era o zelador e morava ali. Depois foi lá para trás onde hoje era a brigada. Me esqueci o nome dele. Era um senhor grandalhão, gringão. Sempre tinha um caso para contar para gente. E o Danilo<sup>29</sup> também que era porteiro. Tu ouviste falar no Paulinho<sup>30</sup>? O Danilo para nós era o Paulinho aqui embaixo. Acho que os dois morreram no mesmo ano até. Tem essas coisas folclóricas. O professor Lemos<sup>31</sup> do judô vivia fazendo graça lá com a gente.

M.C. – Alguma outra consideração que tu queiras fazer em relação ao depoimento, as perguntas?

L.R. – Eu fico contente de poder contar um pouquinho da minha passagem aqui dentro. Eu sinto saudades daquelas coisas. Agora tu estava falando em coisas folclóricas: o grupo de funcionários lá de cima do Centro Olímpico, eu era estrangeira. Era um grupo muito bacana. A gente fazia praticamente toda sexta-feira uma vaquinha e se fazia um almoço. Tinha uma funcionária que cozinhava tri bem. Ela fazia maravilhas e toda época de pagamento se fazia o churrasco. O Danilo esse, entrava para dentro da garrafa porque ninguém mais trabalhava. Era sexta-feira e o expediente se encerrava depois do churrasco. Era muito bom mesmo. E isso tudo era mal visto pelo pessoal aqui de baixo porque, como

---

<sup>27</sup> Luiz Fernando Ribeiro Moraes

<sup>28</sup> João Carlos Oliva

<sup>29</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>30</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>31</sup> Fernando Lemos

lá era meia dúzia e o grupo era mais unido... Aqui uma coisa que eu sempre achei estranho porque ficava o pessoal da secretaria aqui, o departamento para o outro lado, a biblioteca ali, o LAPEX<sup>32</sup> era no ginásio onde era o antigo CEME. As pessoas não se misturavam. Até que a Ana Cristina<sup>33</sup> veio trabalhar aqui e ela começou com o grupo de tradições e organizou a parte anterior do vestiário que tinha o fogão à lenha. Então, de vez em quando a gente se reunia para fazer uma janta... O seu Vantuir<sup>34</sup> tinha plantação de aipim e trazia, a gente fazia aquelas comilanças na sexta-feira de noite. Aí que as pessoas aqui de baixo começaram a se conviver mais, organizar porque era cada um no seu canto. Eu acho que o pessoal tinha um pouquinho de mágoa porque lá em cima o pessoal era mais unido, claro, porque estava no mesmo prédio, um do lado do outro. Mas era muito bom. Uma época que eu era feliz e não sabia.

M.C. – Muito obrigado pelo teu depoimento!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>32</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício

<sup>33</sup> Ana Cristina Stigger

<sup>34</sup> Nome sujeito à confirmação